



A INFLUÊNCIA DO CORÃO NO PENSAMENTO ESTRATÉGICO MILITAR

Dino Willy Cozza

BIBLIOTECA DO EXÉ
Palácio Duque de Caxias - Ala Ma
Praça Duque de Caxias, 25 - 3
20-455 - Rio de Janeiro (

Qual seria a importância da religião islâmica na personalidade e conduta do militar que tem, no Corão, sua Bíblia?

Em torno de uma resposta a sua indagação é que se desenvolve a matéria deste ensino.

INTRODUÇÃO

Sob o título “A Influência do Corão no Pensamento Estratégico Militar”, é nossa intenção tentar divagar sobre qual seria a importância da religião islâmica na mentalidade, personalidade e conduta dos generais, e dos militares em geral, que professam a lei de Maomé.

Para alcançar tal propósito, sentimos a necessidade de recordar alguns dados históricos. Porém, nos perguntamos: “Caberia, em Estudos Estratégicos buscar fatos históricos e tratar de teologia?” Cremos que sim, quando oportuno.

O mestre Arnold Joseph Toynbee, no seu excelente trabalho “Um Estudo da História” frisa “a necessidade de um estudo abrangente dos assuntos humanos”. Afirmo o ilustre professor, textualmente: “Os mesmos avanços científicos e tecnológicos que miram o mundo ao ‘anular a distância’ deram à humanidade também o poder de se destruir, guerreando com armas atômicas.”

Que a História é subsídio para ilações de natureza estratégica nos mostra a revista *Time*, edição internacional de 24 de dezembro de 1990, de número 52. Sob o título “Eco de uma Crise Antiga”, Howard G.

Chua-Eoan faz uma análise da Quinta Cruzada, de 1213 a 1221, de como a sua desorganização e desunião nos forneceram uma lição de que uma colização multinacional pode entrar em colapso.

No artigo citado, o autor pinta um quadro de oitocentos anos atrás, que evoca a recente crise no Golfo Pérsico.

Creemos que, em rapidíssimas pinceladas, mostramos como o conhecimento histórico pode ser útil para as conclusões estratégicas de um porvir, seja ele breve ou mais distante.

No que diz respeito à religião, iremos pedir auxílio a um italiano, Tomás de Aquino, nascido em 1225, perto de Aquino, e falecido em sete de março de 1274, com apenas 49 anos de idade.

São Tomás, também chamado Doutor Angélico, Divino Tomás e Anjo das Escolas, foi o construtor do tomismo e responsável pela cristianização da filosofia de Aristóteles. Tentando mostrar que a razão pode provar a existência de Deus através de cinco vias, usa a terceira via para afirmar que “todos os seres estão em permanente transformação, alguns sendo gerados, outros se corrompendo e deixando de existir.

“Mas, poder ou não existir não é possuir uma existência necessária e sim contingente, já que aquilo que é necessário não precisa de causa para existir. Assim, o possível não teria em si razão suficiente de existência e, se nas coisas houvesse apenas o possível, não haveria nada. Para que

o possível exista é necessário, portanto, que algo o faça existir.

“Ou seja: se alguma coisa existe é porque participa do necessário.

“Este, por sua vez, exige uma cadeia de causas, que culmina no necessário absoluto, ou seja, Deus.”

Não nos cabe agora discutir filosofia e menos ainda teologia.

Todavia, concordamos com Tomás de Aquino: “Deus é o necessário absoluto.” A humanidade está impregnada de Deus e as religiões formam a base filosófica sobre a qual a maioria dos homens é formada, sofre influências, altera suas condutas, e condiciona seu pensamento, seja ele litúrgico, social, político e, até, econômico e militar.

ALGUNS DADOS HISTÓRICOS SOBRE O NASCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DO ISLÃ

Época: primeiras décadas do século VII da era cristã. Cenário: Oriente Médio. Dois grandes estados imperiais confrontavam-se. O Império Bizantino, paladino do cristianismo, herdeiro de Roma, mantinha sob controle o Mediterrâneo Oriental. Embora com muitos problemas no ocidente, provocados pelos invasores germânicos, Constantinopla ainda era a sede da maior potência do mundo, senhora da Anatólia, do Egito, da Síria e de toda a Europa Oriental, ao sul do Danúbio. Nessa época, os cidadãos de Constantinopla acreditavam, firmemente, que moravam no

coração da civilização. Essa convicção era contestada por seu principal rival, o Império Persa. De Ctesifonte, sua capital junto ao rio Tigre, no berço mesopotâmico da cultura humana, os soberanos persas controlavam um território que ia das fronteiras de Bizâncio, às estepes de Rússia e às montanhas do Afeganistão. A dinastia Sassânida estava enredada num debilitante e intermitente esforço de guerra contra Bizâncio, disputando o controle do Oriente Médio.

Nesse ambiente, surge Muhammad Ibn Abdulla, mais conhecido como Maomé, nascido em 570 da nossa era e falecido em 632, chegando à meia idade como um obscuro mercador. Dizendo-se tocado pela inspiração divina começou a pregar, tal como novo messias. Sua mensagem era simples, e constitui-se o dogma do Islã*:

- Deus é único e onipotente;
- promessa da ressurreição dos mortos, juízo final com recompensa ou punição, o Inferno (a "Geena") e o Paraíso;
- Maomé é o Mensageiro de Deus, encarregado de transmitir sua palavra aos homens;
- o Corão não classifica os homens conforme sua raça, cor, nacionalidade, cultura, posses econômicas ou classes sociais; e, ainda,
- cinco deveres que são prescritos aos muçulmanos: a prece, o jejum, o pagamento do tributo dos pobres,

ou seja, a caridade, a peregrinação à Meca e a *guerra santa*.

O Islã explodiu sobre o mundo com a força súbita de um furacão no deserto. Com o grito de *Allahu Akbar*, Deus é grande, atravessando as areias, exércitos árabes começaram a penetrar na Síria e na Mesopotâmia em 633, um ano após o falecimento de Maomé, o Profeta. Em uma década, tinham conquistado a Pérsia e o Egito, e tomado a cidade três vezes santa de Jerusalém. Em 674, estavam às portas de Constantinopla. No início do século seguinte, as bandeiras do Islã tremulavam da Espanha à Índia, uma extensão do território que tornava pequenos todos os impérios anteriores, espalhando o islamismo por três continentes.

A tradição islâmica traçou sua linhagem até Abraão, o patriarca ancestral de árabes e judeus. A cidade sagrada de Meca nasceu em torno do poço de Zem-zem graças ao calcanhar de Ismael, filho de Abraão e sua escrava Agar. O santuário, que séculos depois tornar-se-ia o lugar mais sagrado do islamismo, a "Caaba", encravando em sua parede a Pedra Negra sagrada de origem meteórica, teve origem com Abraão e Ismael. O filho mais velho de Abraão casou-se com mulher dos novos povoadores. Desse casamento nasceram os árabes. Do outro lado, os filhos de Isaac viriam a ser os israelitas.

Com o passar do tempo, o povo se afastara do Deus único de Abraão, para o qual o santuário da Caaba fora construído. Nele passou-se a celebrar

* Islã, em árabe, significa "submeter-se à vontade de Deus".

Hubal, a principal divindade do local, 360 ídolos menores. Meca estava sob controle dos coraixitas, uma poderosa tribo do Hedjaz que adorava vários deuses. Na virada do século VII, Meca era uma das principais cidades da Arábia.

Corria o ano de 610. Mês de "ramadã". Maomé meditava em uma caverna no deserto. Ouviu o tilintar de sinos. De repente o arcanjo Gabriel recitou-lhe o que seria o início do Corão.

À medida que Maomé ganhava seguidores, chamados "Muçulmanos", literalmente, aqueles que se rendem, o poder nascente mas crescente do Islã começou a alarmar os governantes de Meca. Os decretos do Profeta contra a idolatria atingiram duramente o sistema de peregrinação à Caaba, fonte fundamental de riqueza. Sua defesa dos pobres desagradou os ricos. Uma das propostas islâmicas que achavam particularmente odiosa era a "Zakat", uma contribuição obrigatória anual como caridade de 2,5 por cento do excesso de riqueza de uma família. "Zakat" significa, literalmente, purificar. Os próceres da cidade, liderados pelo poderoso ramo omíada da tribo coraixita, lançaram, primeiro, uma campanha de ridicularização e, depois, de intimidação pessoal. Um dignatário do próprio clã hachemita de Maomé voltou-se contra ele.

Enquanto isso, duas tribos árabes hostis, da cidade de Latribe, um oásis a cerca de quatrocentos quilômetros a norte de Meca, os *Aws* e os *Kha-*

zaraj estavam sempre lutando entre si ou com vários clãs judeus que viviam na região. Em peregrinações a Meca, árabes de ambas as tribos ouviram a mensagem de Maomé e converteram-se ao Islã. Nos anos seguintes, esses novos muçulmanos chamaram Maomé para morar na cidade deles, pois, como já verificamos, em Meca sua liberdade e sua vida estavam ameaçadas.

Em 622, ele partiu para Latribe. Esse êxodo de Meca ficou conhecido como *Hijra*, literalmente fuga, em português hégira. Os muçulmanos passaram a contar os anos a partir daquela data, e o oásis ganharia um novo nome: Medina, a cidade do profeta.

Maomé pregava a mensagem e seus seguidores memorizavam suas palavras ou inscreviam-nas em pedaços de pergaminho, folhas de palmeiras ou couro. Mais tarde, estudiosos islâmicos recolheriam esses fragmentos orais e escritos para compilar o Corão.

Inicialmente, os muçulmanos rezavam prostrados, à maneira dos judeus, com a cabeça voltada para Jerusalém, cidade significativa na vida de Abraão e de Jesus. Mais tarde, o profeta transmitiu uma ordem de Alá para que orassem na direção da Caaba, em Meca.

Enquanto isso, os muçulmanos tinham, como inimigos naturais, seus antigos perseguidores, os coraixitas de Meca. Os homens de Maomé começaram então a atacar caravanas coraixitas a caminho da Síria. Em 624,

os coraixitas organizaram uma grande caravana escoltada por uma força de 950 guerreiros armados. O bando de Maomé, composto por cerca de trezentos homens, escondeu-se em torno de um poço em Badr, vilarejo próximo a Medina. Nessa ocasião, o Profeta baixara um decreto: "Ninguém que lute neste dia e se comporte com coragem inabalável encontrará a morte sem que Alá o leve para o Paraíso!" Entusiasmados com essa promessa, os islamitas caíram sobre os soldados de Meca, pondo-os em fuga. A batalha de Badr deu enorme impulso ao moral e ao prestígio de Maomé e seus seguidores, sendo vista como um sinal tangível do favor de Deus, um endosso divino do Islã. Em 627, dá-se a batalha do Fosso, que pode não ter sido um grande triunfo militar, mas confirmou o *status* de Maomé como líder a ser considerado, além de despertar sua má vontade contra o último grupo de judeus residentes em Medina, acusados de colaborar com os inimigos de Meca. Os muçulmanos, numa reação implacável, passaram os homens judeus na espada e venderam as mulheres e crianças como escravos.

Entre muçulmanos e judeus se estabelecia uma atitude de intensa animosidade mútua que se tornaria um recorrente traço debilitador da vida e da política no Oriente Médio. Em 630, Maomé, com um exército de dez mil homens tomou Meca. Em massa, seus habitantes abraçaram a nova religião. A *Hagg*, peregrinação a Meca, tornou-se obrigatória para todos os

crentes. Maomé voltou em triunfo para Medina, sua capital de adoção.

Em troca da garantia de independência e do direito de continuar em sua vida nômade, os beduínos concordavam em prestar lealdade a Maomé e pagar a *Zakat*. Aparentemente, a maioria também aceitou o Islã. Pela primeira vez, a maior parte da Arábia estava unida sob a mesma bandeira, a do Islã e de seu carismático líder. Em uma exortação final, Maomé declarou: "Saibam que cada muçulmano é irmão de outro muçulmano e que agora sois uma única irmandade." A oito de junho de 632, Maomé com mais de sessenta anos, morre.

A morte de Maomé mergulhou a comunidade muçulmana numa crise. Na sociedade árabe tradicional escolhiam-se os líderes tribais, xeques, por consenso. O velho amigo do profeta, Abu Bakr, assumiu o título de *Califa*, sucessor. Em 634, após dois anos de conflito sangrento, a bandeira do Islã flutuava de novo, triunfalmente, em toda a Arábia e nas regiões fronteiriças da Síria e do Iraque. O califa seguinte, Omar Ibn al-Khattab sustentou o princípio islâmico do *Gihad*, a luta no caminho de Deus. *Gihad* implicava, de início, uma batalha da consciência contra as tentações de Satã. Mas logo assumiu feições militares e heróicas: uma guerra santa contra os incrédulos. Os muçulmanos invadiram a Mesopotâmia, a Palestina e a Síria. Em 635, tomaram Damasco. Em 637, tomaram Jerusalém.

Depois invadiram a Pérsia. Em menos de uma década, os muçulmanos chegaram até a fronteira da Índia. Em 642, todo o Egito estava em mãos árabes. Na maioria dos casos, a mudança para o domínio muçulmano foi notavelmente suave e indolor. Foi permitido que os povos conquistados mantivessem suas próprias leis e crenças religiosas. Ninguém foi forçado a converter-se ao islamismo. Os administradores locais continuaram em seus postos, sob a supervisão de um oficial árabe graduado. Os impostos eram geralmente mais leves do que sob os regimes imperiais e cumpria-se a justiça à risca. Em 644, Omar foi assassinado por um escravo persa. Sucedeu-o Othman, membro do clã omíada, o ramo mais poderoso e aristocrata dos coraixitas. Com ele, o domínio muçulmano expandiu-se para a Armênia, Ásia Menor e Ásia Central.

Todavia, a austeridade do Islã começou a desaparecer. Em 655, irrompeu a primeira revolta no atual Iraque. Seguiram-se outros motins. O califa Othman foi assassinado no palácio, enquanto lia o Corão. Esse ataque regicida abriu uma ferida no Islã que não cicatrizaria. O próximo califa a ser escolhido foi Ali, o primo do profeta, que perdera a primeira eleição muitos anos antes. Novamente houve motim.

No Iraque, Ali comandou a batalha que ficou conhecida como a do Camelo. Treze mil sublevados morreram. A batalha do Camelo foi o primeiro grande choque entre muçul-

manos, estabelecendo um precedente agourento.

Em 661, Ali tombou sob uma adaga carijita. O Islã era, nessa época, o maior império do mundo. Dividia-se entre sunitas e xiitas. Mas surgiu um problema com o número crescente de súditos estrangeiros que se convertiam ao Islã. A quantidade de não-árabes que abraçava a nova fé logo se tornou mais que a de árabes. Depois de muita contravérsia, os *Mawali*, muçulmanos não-árabes permaneceram cidadãos de segunda classe.

Bem abaixo na pirâmide social, estavam os judeus e cristãos, o "povo do livro", como os designava o Corão.

Gozavam de completa liberdade religiosa e, ao pagar o imposto individual, ganhavam isenção do serviço militar. Esse benefício mais tarde foi estendido aos zoroatristas monoteístas da Pérsia. O povo do deserto maravilhava-se com a sofisticação cultural desses três grupos, que tendiam a ocupar as fileiras da administração governamental, mas, que eram socialmente inferiores aos árabes. Na base da pirâmide estavam os escravos, gregos, turcos, armênios, berberes e africanos negros, capturados nas conquistas, geralmente vendidos.

Em 696, o califa Abd Al-Malik decretou o árabe como língua oficial do império. Foi o mesmo que construiu a Cúpula da Rocha, em Jerusalém.

Em 711, espalharam-se pela Espanha e atravessaram os Pirineus, pe-

netrando na França. Chegaram até 160 quilômetros de Paris.

As dissensões internas no Islã, contudo, continuaram. Em seus ataques fratricidas chegaram a causar o incêndio da tão sagrada Caaba e a rachadura do meteorito. Um foco perpétuo de descontentamento era o Iraque.

O único neto do profeta chegou a ser decapitado e ter sua cabeça exposta. Surgiu um movimento político chamado *Xiat Ali*, o partido de Ali dedicado a restaurar a linhagem de Ali. Células xiitas irromperam em todo o império Muçulmano. Os xiitas viriam a ser uma das duas seitas primárias do Islã, menor apenas que a dos sunitas, nome dado mais tarde aos muçulmanos ortodoxos, que consideravam os primeiros quatro califas como sucessores legítimos do Profeta. Em 786, assume o califa abássida Harun Al-Rashid, com sua capital em Bagdá, que deu mais poder e energia ao Islã até a virada do século 809. Era o fim das “mil e uma noites”.

Somente em 2 de janeiro de 1492, os cristãos tomam Granada, último baluarte mouro na Espanha, dois anos antes do tratado de Tordesilhas.

O CORÃO E SUA INFLUÊNCIA RELIGIOSA NO COMPORTAMENTO PESSOAL E SOCIAL

O Corão, a leitura por excelência, foi revelado a Maomé no decorrer dos 23 últimos anos de sua vida. Parte

antes da Hégira, treze anos em Meca e a outra depois, dez anos em Medina. O Corão era, e continua sendo, o centro da cultura islâmica, dos movimentos filosóficos e de todas as suas atividades intelectuais.

O Corão é dirigido a toda humanidade, sem distinção de raça, cor, região ou tempo. Dá diretrizes para o campo espiritual, material, individual e coletivo. Contém orientação para a conduta do Chefe de Estado, para o homem comum, para o rico e para o pobre. Mostra o caminho para a paz e para a guerra, para a cultura espiritual, para o comércio e bem-estar material. Dá normas para a vida social, comercial, matrimonial — para a herança, a lei penal e internacional, o asseio pessoal, as relações íntimas entre marido e mulher, a maneira de saudar, andar e responder aos insensatos, o repúdio à esposa, à poligamia, os juros, o vestuário feminino, o testamento, a filiação, os alimentos permitidos e proibidos, a atitude para com adeptos de outras religiões, o vinho, os jogos de azar, a caça e muitos outros.

Com suas quatrocentas páginas, 114 Suratas ou Suras ou capítulos, e 6.236 versículos, é considerado a palavra textual de Deus por oitocentos milhões de muçulmanos e representa, para quarenta países, a constituição e lei civil, penal e moral. E tudo isso transmitido por um profeta que não sabia ler ou escrever: Maomé! Persiste inalterado por quatorze séculos.

O mundo do Corão é um mundo

masculino. Deus fala aos homens e fala-lhes das mulheres.

Assim, sem recorrer explicitamente à letra do Corão, mencionamos o que nos é revelado de sua leitura exercendo influência no comportamento pessoal e social do muçulmano, constituindo-se na base do conflito de civilizações mais agudo de nosso tempo entre as concepções ocidentais da vida e as islâmicas, "chave indispensável para acompanhar a marcha do mundo numa das zonas mais explosivas das contendas internacionais, onde começará, sem dúvida, a terceira guerra mundial, se é que ainda não começou", nas palavras de Mansour Challita.

O CORÃO E SUA INFLUÊNCIA NO CAMPO MILITAR DOS MUÇULMANOS

"São realmente crentes os que crêem em Deus e em seu Mensageiro, que não duvidam e que *lutam*, com sua vida e suas posses, pela causa de Deus." (49:15)

Entre os cinco deveres que o Corão prescreve ao muçulmano, um é o da *guerra santa*.

Sobre este assunto, citaremos os versículos em que o livro trata da guerra e suas conseqüências. Para maior fidelidade à palavra revelada através do Profeta, procuraremos observar literalmente o Corão.

Maomé foi perseguido e exilado pelos habitantes de sua cidade natal, Meca, quando começou a pregar a nova religião. Só pela força pôde ele

ganhar prestígio e a ela voltar mais tarde. Pela força das armas o Islã aumentou o número de seus adeptos. Pela força das armas aumentaram as riquezas do Império Islâmico. O temperamento do beduíno era irrequieto e combativo. O Corão contém, portando, muitas disposições relativas ao comportamento dos muçulmanos na *guerra*, aos cativos, aos despojos, aos inimigos, aos aliados, às dispensas de combater e numerosos outros assuntos de *caráter militar*. Sabemos todos como a formação religiosa condiciona o pensamento e a conduta dos humanos. Não seria diferente com os crentes muçulmanos. Além disso, constitucionalmente, o Estado que o Corão parece favorecer é um Estado teocrático, baseado na orientação de um Comandante Supremo justo que aplica a palavra de Deus.

Passemos à leitura do Corão:

Logo na Segunda Surata, chamada "A vaca", encontramos no versículo 190:

"*Combatei* pela causa de Deus àqueles que vos *combatem*; porém, não os provoqueis, porque Deus não estima os agressores."

Verificamos que o combate pela causa de Deus é estimulado. Tal princípio manipulado por um líder político ardiloso pode tornar-se um risco de guerra santa para defender uma causa de diferente natureza.

Em seguida, no versículo 191:

"*Combatei-os* onde quer que os encontréis e expulsai-os de onde vos expulsaram, porque a intriga é mais grave que o homicídio. Não os *com-*

bateis nas cercanias da Sagrada Mesquita, a menos que vos *ataquem*. Mas, se ali vos *combaterem*, combatedei-os. Tal será o castigo dos incrédulos.”

O verbo combater e atacar são empregados em abundância. O contra-ataque é uma obrigação.

O homicídio não é o pior dos males. Os lugares sagrados devem ser preservados, a menos que o inimigo o force. Logo, as restrições ortodoxas vistas em outras religiões não devem ser impeditivas de um bom emprego tático.

No versículo 194:

“Se vos *atacam* no mês sagrado, *combatedei-os* no mesmo mês, e todas as profanações serão *castigadas* com o talião. A quem vos provocar, rechaçai-os tal como vos havia rechaçado; porém, temei a Deus e sabeis que Ele está com os que O temem.”

A advertência é do mesmo teor da anterior para que a metafísica não atrapalhe o físico. A lembrança do talião como diretriz é uma filosofia que convém à natureza militar.

Versículo 216:

“Está-vos prescrito o *combate* pela causa de Deus, embora o repudieis. É possível que repudieis algo que seja um bem para vós e, quiçá, gosteis de algo que vos seja prejudicial; todavia, Deus sabe e vós ignorais.”

O versículo é autoexplicativo. O livre arbítrio é colocado sob suspeita.

Versículo 217:

“Quando te perguntarem se é lícito *combater* no mês sagrado, dize-lhes: a *luta* durante ele é um grave

pecado; porém, o desviar os crentes da senda de Deus, o negá-lo, o privar os demais da Sagrada Mesquita e o expulsar dela (Meca) seus habitantes é mais grave ainda aos olhos de Deus, porque a intriga é pior que o homicídio. Os incrédulos, enquanto podem, não cessarão de vos *combater* até vos fazerem renegar vossa religião; porém, aqueles dentre vós que renegarem a sua fé e morrerem incrédulos desmerecerão suas obras neste mundo e no outro, e serão condenados, ao fogo infernal onde permanecerão eternamente.”

É repetitivo, e os profissionais da propaganda sabem o valor da repetição: ameaça do inferno para aqueles que não cumprirem o estabelecido.

A experiência pessoal do Profeta é colocada na boca do arcanjo Gabriel, como a palavra de Deus, de maneira que a intriga, a perseguição, o exílio e os combates voltem aos crentes como ensinamento de luta e perseverança. Eis por que para melhor entender o Corão, faz-se mister conhecer a história de Maomé e do Islã.

Versículo 218:

“Aqueles que creram, migraram e *combateram* pela causa de Deus podem esperar d’Ele a misericórdia, porque é indulgente, misericordiosíssimo.”

A presença da dicotomia prêmio-punição é uma constante. Por vezes, chega a ser paradoxal, quando se encontram no mesmo versículo.

Versículo 244:

“Combatedei pela causa de Deus e

sabei que Ele é oniuovinte, sapientíssimo.”

Na Terceira Surata, versículo 169:

“E não creais que aqueles que sucumbiram pela causa de Deus estejam mortos; ao contrário, vivem, agraciados ao lado de seu Senhor.”

É a promessa de bem-aventurança aos combatentes.

Na Quarta Surata, chamada “As mulheres”:

Versículo 76:

“Os crentes *combatem* pela causa de Deus; os incrédulos, ao invés *combatem* pela do sedutor. *Combatei*, pois, os aliados de Satanás, porque a argúcia de Satã é débil.”

Versículo 84:

“*Luta*, pois, pela causa de Deus, porque tu és somente responsável por ti mesmo; e esforça-te em estimular os crentes; quisesse Deus, conteria a violação dos incrédulos, porque é mais poderoso ainda e mais punidor.”

Versículo 94:

“Ó crentes, quando marchardes para o *combate* pela causa de Deus sede ponderados; não digais a quem vos propõe a paz. Tu não és crente com o intento de auferirdes (matando-o e despojando-o) a transitória fortuna da vida terrena. Sabei que Deus vos tem reservado numerosas fortunas. Vós éreis como eles em outros tempos; porém Deus vos agraciou (com o Islã). Meditai, pois, porque Deus está bem inteirado de quanto fazeis.”

Neste versículo, ao tratar do combate, prevê uma condição de paz, embora, pressupondo o ato de matar e fazer despojos. É mais um aspecto da guerra.

Versículo 101:

“Quando viajardes pela terra não sereis recriminados por abreviardes as orações, temendo que vos *ataquem* os incrédulos; em verdade eles são vossos *inimigos* declarados.”

Mais uma vez é a prática substituído a gramática. Neste versículo os não muçulmanos são colocados explicitamente como inimigos declarados.

Versículo 102:

“Quando estiverdes entre eles e os convocardes a observarem a oração, que uma parte deles deixe suas *armas* e a pratique contigo; e, quando se prostarem, que a outra, armada, se ponha à vossa retaguarda; ao concluírem, que se retire e se ponha de guarda e suceda-lhe a parte que não tiver orado ainda, e que reze contigo. Que tomem precauções e levem suas *armas*, porque os incrédulos ansiarão para que negligencieis de vossas *armas* e provisões, a fim de vos atacar de surpresa. Tampouco sereis recriminados se depuserdes as armas quando a chuva a isso vos obrigar, ou estiverdes enfermos; mas tomai vossas precauções. Sem dúvida que Deus destina aos incrédulos um castigo ignominioso.”

Parece até que estamos diante de um manual para combatentes.

Versículo 104:

“E não desfaleçais na *perseguição ao inimigo*; porque se sofrerdes, eles sofrerão tanto quanto vós; porém vós podeis esperar de Deus o que eles não podem; sabeis que Deus é Sapiente, Prudentíssimo.”

Este conceito pode ser repetido em qualquer Academia Militar.

Na Quinta Surata, chamada "A mesa servida", no Versículo 82:

"Constatarás que os piores inimigos dos crentes, entre os humanos, são os judeus e os idólatras. Constatarás que aqueles que estão mais próximos do afeto dos crentes são os que dizem: 'somos cristãos!' porque possuem sacerdotes e monges que não se ufanam de coisa alguma."

Verificamos que o ódio pelos judeus é quase atávico. Mais uma vez, a experiência de Maomé conduz, como no caso da tolerância com os cristãos.

Na Oitava Surata, nominada *Os espólios*, encontramos no Versículo 15:

"Ó crentes, quando enfrentardes (em batalha) os incrédulos, não lhes volteis as costas (em debandada)."

No Versículo 16:

"Aquele que nesse dia voltar-lhes as costas — a menos que seja por estratégia ou para reunir-se com outro grupo — incorrerá na ira de Deus e sua morada será o inferno. Que funesto destino!"

Aqui encontramos o termo estratégico e, mais uma vez, a ameaça de punição caso haja fracasso.

No Versículo 17:

"Vós não os aniquilastes, ó mulçumanos! Foi Deus que os aniquilou; e apesar de seres tu (o Apóstolo) quem arremessou, o efeito foi causado por Deus. Ele o fez para provar rigorosamente aos fiéis, porque é oniuivinte, sapientíssimo."

Neste versículo, Maomé relembra

a batalha de Badr contra os coraixitas, quando uma tempestade de areia afugentou o inimigo.

No Versículo 18:

"Fê-lo, para que saibais que Deus desbarata os *planos* dos incrédulos."

Aqui, pressupõe-se a existência de um planejamento.

No Versículo 60:

"Aprontai quantas forças puderdes e mantende os cavalos preparados para aterrorizar o inimigo de Deus e vosso inimigo e outros inimigos que vós não conheceis, mas que Deus conhece. Tudo que gastardes no caminho de Deus ser-vos-á retribuído. E não sereis lesados."

No Versículo 19:

"Ó incrédulos, se almejais a *vitória*, sabeis que a mesma só será dos crentes; se desistirdes, será melhor para vós; porém, se reincidirdes, voltaremos a vos *combater* e de nada servirá vosso *exército*, por numeroso que seja, porque Deus está com os crentes."

Neste, encontramos um esboço de guerra psicológica e não seria espantoso ouvirmos este versículo recitado em dias recentes, na área do Golfo Pérsico.

No Versículo 41 é dito como dividir os despojos do adversário.

No Versículo 45:

"Ó crentes, quando vos enfrentardes com o *inimigo*, sede firmes e mencionai muito a Deus, para que triunfeis."

No Versículo 56:

"Aqueles com quem tenhas feito pacto e, sistematicamente, quebram

seus compromissos, não temem a Deus.” E no Versículo 57:

“Quando os encontrares na guerra, impõe-lhes um duro revés para que se atemorizem, o mesmo para aqueles que os seguem, para que se recordem.”

No Versículo 58:

“E se suspeitas de traição, rompe teu pacto do mesmo modo, porque Deus não estima os traidores.” E no Versículo 59:

“Não pensem os incrédulos que poderão se safar. Jamais o conseguirão.”

Na Nona Surata, a do “Arrependimento”, a única que não se inicia com a expressão “Em nome de Deus, clemente, misericordioso”.

No Versículo 25:

“Deus vos secundou em muitos campos de batalha — como aconteceu, no dia de Hunain quando vos ufanáveis de vossa maioria, que de nada voz serviu; e a terra, com toda sua amplitude, pareceu-vos estreita para empreenderdes a fuga.”

Outra vez o profeta aproveita fato vivido por ele transformando-o em ensinamento dentro do Corão.

No Versículo 29:

“*Combatei* aqueles que não crêem em Deus e no Dia do Juízo Final, nem se abstêm do que Deus e seu Apóstolo proibiram, não professam a verdadeira religião daqueles que receberam o livro, até que eles, submissos, paguem o tributo.”

No Versículo 36:

“Para Deus, o número dos meses é de doze, como reza o livro Divino,

desde o dia em que ele criou os céus e a terra. Quatro deles são sagrados; tal é o cômputo exato. Durante estes meses não vos condeneis; e *combatei* igualmente os idólatras, tal como eles vos *combatem*; e sabeis que Deus está com os tementes.”

No Versículo 38:

“Ó crentes, que vos sucedeu quando foi-vos dito para partirdes ao *combate* pela causa de Deus, e vós ficastes apegados à terra? Acaso, preferíeis a vida terrena à outra? Que ínfimos são os gozos deste mundo comparados com os do outro!

No Versículo 39:

“Se não marchardes para o *combate*, Ele vos castigará severamente, suplantar-vos-á por outro povo, e em nada podereis prejudica-Lo, porque Deus é onipotente.”

No Versículo 41:

“Quer estejais leve ou fortemente *armados*, marchai para o *combate* e sacrificai vossos bens e pessoas pela causa de Deus! Isso será preferível para vós se quereis saber.”

Este versículo, no nosso entender, é dos que contém o mais forte apelo ao combate e ao sacrifício pela causa.

No Versículo 52:

“Dize-lhes ainda: esperais que nos aconteça algo? Só nos ocorrerá uma das duas sublimes coisas (a vitória ou a morte). Nós, em troca, aguardamos que Deus vos inflija seu castigo, ou então o faça por nossas mãos. Aguardai, pois que aguardaremos convosco.”

O versículo complementa o anterior.

O 90 trata dos que pedem para serem eximidos da luta, e no 91:

“Estão isentos: os inválidos, os enfermos, os baldos de recursos, sempre que sejam sinceros para com Deus e seu Apóstolo, porque luzentes são os caminhos do bem, e Deus é indulgente, misericordiosíssimo.”

E assim, como se fosse uma Lei do Serviço Militar continua a tratar da isenção nos versículos, do 92 ao 96. O versículo 111 é repetitivo e também trata da guerra.

Na Surata 33, no Versículo 16:

“Dize-lhes: a fuga de nada vos servirá, porque, se escarpardes à morte ou a matança, não desfrutareis da vida, senão transitoriamente.”

Este conceito acreditado firmemente transformar-se-á em sério problema para o opositor. E continua pelos versículos 25 e 26.

Na Surata 42, no Versículo 41:

“Contudo, aqueles que se vingarem quando houverem sido vituperados, não serão incriminados.”

Este tanto serve para a vida militar como civil. É corolário da lei de talião. Contrapõem-se aos ensinamentos de “dar a outra face, quando esbofetado”. Algo semelhante encontra-se no 39.

Na Surata 48, Versículo 22:

“E ainda que os incrédulos vos *combatassem*, certamente debandariam, pois não acharão protetor nem defensor.”

O dogma é sempre útil, em qualquer combate com não-muçulmanos.

Na Surata 49, temos os versículos 9 e 10 que tratam do combate entre

crentes. Na Surata 52, dos versículos 17 ao 27, o profeta transmite as promessas de Deus para os crentes cumpridores do Corão. São elas:

- “viver em jardins e em delícias;
- preservação do suplício infernal;
- comida e bebida;
- permanecer deitado sobre leitos e desposar com húrís (odalisças), de olhos maravilhosos;
- reunião com a prole, em existência com abundância;
- provisão de frutos e carnes, bem como do que lhe apetercer;
- ter à disposição um néctar que não lhe causará inebriamento nem o incitará ao pecado;
- será servido por mancebos, formosos como se fossem pérolas em suas conchas;
- viver em tertúlia; e
- preservação da pena da canícula.”

É uma prática e objetiva motivação para um homem que vive nos rigores secos e calorentos do deserto. Tais promessas, em linguajar mais poético, continuam na Surata 55, do versículo 46 ao 76.

E, novamente, na Surata 56, do versículo 27 ao 39, encontraremos as promessas do Paraíso aos crentes, inclusive virgens amantíssimas, amigáveis e afáveis. Em contrapartida, a canícula, a água fervente e as trevas da negra fumaça, sem frescor nem refrigério, são as promessas para os condenados. Na Surata 76, versículos 12 a 21 prometido aos muçulmanos, vestimentas de seda, vergel, e deitados sobre almofadas não sen-

tir o calor equatorial nem o frio glacial, e taças de prata.

Na Surata 60, versículo 1, o assunto é contra-informação, onde é aconselhado a não fazer-se confidência aos inimigos. Deixo de registrar este pela sua extensão. Nos versículos 7, 8 e 9 o tema é a aliança com amigos e ex-inimigos.

Na Surata 61, versículo 4, encontramos:

“Em verdade, Deus aprecia aqueles que *combatem*, em fileiras, por sua causa, como se fossem uma sólida muralha.”

Eis aqui uma lição de tática e ordem unida, adequada para a época.

Assim, verificamos que das 114 Suratas do Corão, onze tratam de assuntos militares, portanto dez por cento deles. Dos 6.236 versículos 45 deles tecem instruções sobre a guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos como os dogmas baseados na religião condicionam a mentalidade e a conduta das pessoas. Verificamos como os muçulmanos são dotados de uma natureza agressiva e belicosa, conforme foi demonstrado no sumário sobre o estabelecimento e o desenvolvimento do Islã.

Verificamos como o Corão, o código por excelência dos muçulmanos, sua base doutrinária nos campos político, econômico, psicossocial e militar trata com veemência e insistentemente do assunto guerra.

Assim, é de se esperar que os generais e os militares muçulmanos pensem e ajam conforme os ditames e exemplos de seu Livro Sagrado, o *Corão* em toda e qualquer circunstância.

Da mesma forma, a leitura e o conhecimento do Corão talvez devesse ser assunto de conhecimento necessário para os Comandantes e Oficiais de Informações e Operações das Forças que, porventura, venham a ter um exército com chefes e militares islâmicos do outro lado da trincheira.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. CHALLITA, Mansour. *O Alcorão ao alcance de todos*. Associação Cultural Internacional Gibran. Rio de Janeiro. 103 p.
2. EL HAYEK, Samir. *Alcorão sagrado*. Versão portuguesa diretamente do árabe. Otto Pierre Editores Ltda. Rio de Janeiro. 1980. 493 p.
3. TOYNBEE, Arnold Joseph. *Um estudo da História*. Tradução de Isa Silveira Leal e Miroel Silveira de "A study of history" Editora Universidade de Brasília — Brasília; Martins Fontes, São Paulo. 1986. 592 p.

GLOSSÁRIO

- 1 — AIÚB (AIIOUB) : Job.
 2 — ALLAHU AKBAR : Deus é grande.
 3 — ALQUIBLA : Diretriz.
 4 — BECA : Nome do local da Mesquita Sagrada; Meca é o nome da cidade.
 5 — CAABA : A Casa Sagrada.
 6 — CALIFA : Sucessor.
 7 — CORÃO : Leitura por excelência, recitação.
 8 — DHOW : Embarcação árabe com velas latinas triangulares.
 9 — GEENA : Inferno.
 10 — GIHAD : A luta no caminho de Deus.
 11 — HAFIZ : Aquele que sabe todo o Corão de cor.
 12 — HAGG : Peregrinação a Meca.
 13 — HIJRA : Fuga, emigração, hégira.
 14 — HÚRI : Odalisca.
 15 — IÁHIA : João.
 16 — IBLIS : Satã.
 17 — ISLÃ : Submeter-se à vontade de Deus.
 18 — MAWALIS : Muçulmanos não-árabes.
 19 — MUÇULMANO : Aquele que se rende, que se submete à vontade de Deus; é derivado da palavra Islã.
 20 — MUSHAF : Encadernação, cópia decente do Corão.
 21 — ZAKAT : Purificação.



DINO WILLY COZZA — *É Capitão-de-Mar-e-Guerra. Possui todos os cursos regulares da carreira. Membro efetivo da Associação Brasileira de Educação. Sócio fundador do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos. Sócio efetivo remido da Sociedade Brasileira de Geografia, onde participa do Conselho Diretor. Sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, onde exerce o cargo de Segundo Secretário. Possui diversos trabalhos publicados em revistas, Boletins e Anais.*